

O Plano Individual de Trabalho como instrumento de pilotagem das aprendizagens no 1º CEB

Inácia Santana

Contexto de intervenção

No presente escrito serão partilhados alguns aspectos do trabalho desenvolvido nestes últimos dois anos, com um grupo de 24 alunos que agora se encontra no 2º ano de escolaridade, numa escola pública de Lisboa. Decorre da discussão sobre a organização das aprendizagens no 1º Ciclo que se intensificou e se alargou a diversos grupos de trabalho no interior do MEM, para a qual contribuiu a publicação do texto de Sérgio Niza (1998) sobre a organização das aprendizagens no 1º Ciclo.

Para além disso, as reflexões produzidas no grupo do projecto de Investigação-acção «Desenvolvimento da escrita no 1º ano de escolaridade», coordenado por Odete Xarepe e tendo como consultores científico e pedagógico Sérgio Niza e Ivone Niza foram decisivas para a viragem de aspectos fundamentais da organização das aprendizagens com esta turma. Este projecto constituiu um espaço privilegiado de autoformação cooperada, a partir da interacção sistemática entre o trabalho desenvolvido com os alunos e as reflexões ocorridas no grupo, provocando a problematização sustentada das práticas pedagógicas.

No MEM, os nossos percursos profissionais correspondem a caminhadas intencionais, por aproximações sucessivas, com os avanços e recuos inerentes aos processos, em direcção a um modelo sociocentrado, conscientes de que a gestão cooperada com os alunos é uma meta que está sempre por atingir na sua plenitude.

Daí a inquietação que nos caracteriza e nos exige constantes paragens para reflectir, em cooperação com os nossos pares, para reencontrar os sentidos do trabalho pedagógico.

A reflexão em torno do papel e do modo de funcionamento do Plano Individual de Trabalho enquanto instrumento privilegiado de pilotagem das aprendizagens constituiu uma dessas paragens, de que resultou a clarificação de todo o dispositivo de organização cooperada do trabalho.

Apresentação do programa aos alunos

A apresentação dos programas das várias áreas curriculares aos alunos no início do ano constitui a base do nosso trabalho e a primeira abordagem do que a escola exige de todos (professores e alunos). Procuramos, deste modo, desocultar os critérios da escola e partilhar com os alunos as competências e os conteúdos das aprendizagens, de forma a envolvê-los no processo desde o primeiro momento. Trata-se, no dizer de Sérgio Niza (1998), de um «contrato educativo», a partir do qual os alunos se mobilizam para as matérias a aprender.

A simples apresentação e exposição dos programas no início do ano é claramente insuficiente para que as crianças possam ficar a conhecer os conteúdos e as exigências da escola, sobretudo no 1º Ciclo. São as avaliações periódicas dos programas que permitem aos alunos a gradual integração do que têm de apren-

der, através da verificação dos conteúdos que não foram, ou foram menos trabalhados. Estes momentos são simultaneamente de planificação dos conteúdos a trabalhar no período seguinte, e desencadeiam, naturalmente, a constituição e organização de grupos em torno de novos projectos. (fig.1).

Projecto	Grupo	Data de apr.	Avaliação
O tempo: a hora, o dia, o mês...	Emanuel, Ivo e Cláudio	18/3/99	●
O dinheiro	José João, Inês e João		●
Os nossos pesos - gráfico	Nádia e Sandro	27/1/99	●
O tempo que faz (meteorologia)	José, Marco e Rui	1/3/99	●
Regras para a saúde do nosso corpo	Diogo e André	29/4/99	●
Descobrir coisas acerca do ar	Tiago, Pedro e Vanessa H.	5/5/99	●
As tartarugas	Flávio, Ricardo e Sérgio	3/2/99	●
As cegonhas	Ana R., Ana H., Nádia	24/2/99	●
Os pintassilgos	Bruno e Daniel	31/4/99	●
Os peixes	Vanessa H., Cláudia e Tiago	20/1/99	●
As baleias	Flávio, Ricardo e Sérgio	26/5/99	●
A água	Ana R., Ana H. e Nádia	12/5/99	●
Os falcões	Rui e José João	19/5/99	●
Os esquitos	Marco e João	2/6/99	●
A terra	Vanessa H. e Bruno	9/6/99	●

Fig 1 – Cartaz de planificação e avaliação dos projectos

Contudo, é a auto e a hetero-avaliação das aprendizagens dos conceitos trabalhados que permite a cada aluno apropriar-se verdadeiramente do programa, a partir da tomada de consciência do que já domina e do que precisa de trabalhar para melhorar.

Este ano foi possível chegar a um formato de grelha que permite simultaneamente uma análise do programa e dos percursos individuais de aprendizagem (fig.2).

Apresentada simultaneamente como listagem de conteúdos e como lista de verificação, esta tabela facilita, por um lado, a gestão colectiva do trabalho, uma vez que assinalamos

o que foi trabalhado e o que se projecta trabalhar e propicia, por outro, regulação individual das aprendizagens, através da autoavaliação periódica, permitindo a cada um situar-se, em qualquer momento, face ao que já foi realizado. Dá-nos uma visão global dos progressos do grupo e de cada um e facilita aos alunos a tomada de consciência dos seus percursos.

Estes quadros, elaborados para os programas de Língua Portuguesa, de Matemática e de Estudo do Meio, são afixados na parede de modo a poderem facilmente ser lidos por todos. Mas para crianças tão pequenas é pouco funcional a consulta quotidiana destes instrumentos, sobretudo quando se pretende que façam a transposição para actividades a desenvolver autonomamente. Assim, este ano após o primeiro registo de avaliação, foi feita a proposta para que cada aluno analisasse aquelas grelhas, com a finalidade de explicitar, por escrito, que actividades deveria privilegiar no seu trabalho autónomo em função das dificuldades tornadas conscientes.

Com esses dados, foi elaborada uma grelha onde se sistematizou toda a informação recolhida, de modo a devolvê-la aos alunos e assim facilitar as interacções no grupo (fig3). Alguns, para quem aquela tarefa se revelou complicada, foram ajudados no preenchimento da grelha, através da discussão realizada em conjunto. Noutros casos, surgiram reajustamentos a partir do debate que se gerou.

Esta estratégia revelou-se importante para a consciencialização do percurso de cada aluno e sua conseqüente mobilização para as aprendizagens, pelo que se integrou na dinâmica do nosso trabalho.

Organização do trabalho para a diferenciação

Com o objectivo de melhorar as respostas às necessidades do grupo em todas as áreas do programa, é negociado, com a turma, um horário semanal que contempla um número re-

Autoavaliação de Matemática

	Ang Ma.	Ang Rita	André	Bruno	Claudia	Daniel	Diogo	Emmanuel	Flávio	Ivo	Jôão	José Diogo	José João	Marco	Maria Inês	Nédia	Pedro	Ricardo
<p>Código:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Sem dificuldade <input type="checkbox"/> Com ajuda <input type="checkbox"/> Muito difícil <p>Já sou capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Ler e escrever bem os números, fazer contagens por ordem crescente e decrescente e utilizar os sinais de <, > e = <input type="checkbox"/> Representar os números numa recta graduada <input type="checkbox"/> Perceber o que é uma dezena <input type="checkbox"/> Relacionar a dezena que contém com a unidade; fazer contas de somar com transporte na grelha <input type="checkbox"/> Perceber a multiplicação a partir da adição de parcelas iguais <input type="checkbox"/> Perceber os números em somas, diferenças e produtos <input type="checkbox"/> Descobrir maneiras diferentes para fazer um cálculo <input type="checkbox"/> Resolver problemas numéricos e não numéricos empicando estratégias <input type="checkbox"/> Dizer os passos seguidos para fazer um cálculo <input type="checkbox"/> Saber as tabuadas do 2, do 3, do 4, do 5 e do 10 de cor <input type="checkbox"/> Repartir uma quantidade em 2, 4 e 3 quantidades iguais <input type="checkbox"/> Identificar os números pares e os números ímpares <input type="checkbox"/> Perceber a "Metade de" como o inverso de "o dobro de" <input type="checkbox"/> Utilizar a representação $\frac{1}{2}$ e $2x$ para representar "metade de" e "dobro de" <input type="checkbox"/> Reconhecer $\frac{1}{2}$ como inverso de 2 <input type="checkbox"/> Descobrir a regra da multiplicação de um número por 0,1 e 10 <input type="checkbox"/> Fazer contas de subtrair com empréstimo na grelha <input type="checkbox"/> Reconhecer linhas curvas e linhas rectas <input type="checkbox"/> Identificar o quadrado, o retângulo, o triângulo e o círculo <input type="checkbox"/> Desenhar figuras simétricas <input type="checkbox"/> Traçar itinerários entre dois pontos <input type="checkbox"/> Comparar itinerários <input type="checkbox"/> Reconhecer a necessidade de uma unidade de medida e de um sistema de medidas <input type="checkbox"/> Fazer estimativas de medidas <input type="checkbox"/> Relacionar hora/dia/semana/mês/ano <input type="checkbox"/> Conhecer as notas e as moedas em uso <input type="checkbox"/> Medir comprimentos, superficies, comparar volumes, capacidades e pesos <input type="checkbox"/> Reconhecer e utilizar o metro, o litro e o quilograma 																		

Fig. 2 – Programa de Matemática

O que mais preciso de fazer

	Fichas de Matemática	Fichas de Contas	Fichas de Problemas	Fichas de Ortografia	Fichas de Leitura	Ditado a dois	Textos	Leitura a pares
Ana M.	X	X	X					
Ina Rita	X	X	X					
André				X	X		X	
Bruno				X	X		X	
Claudia	X		X			X		
Daniel					X			X
Diogo			X				X	
Immanuel	X	X	X					
Flávio	X	X	X	X	X		X	
Ivo							X	
João			X	X	X		X	
Jose João			X	X	X		X	
Jose D.			X	X	X		X	
Is. Inês	X	X	X	X	X		X	
Marcop	X	X	X	X	X		X	
Václia	X	X	X	X	X		X	
Pedro	X	X	X	X	X		X	
Ricardo	X	X	X	X	X		X	
Rui				X	X		X	
Sandro				X	X		X	
Sérgio	X						X	
Diogo			X	X	X		X	
Vanessa A.	X	X	X	X	X		X	
Vanessa H.	X	X	X	X	X		X	

Fig. 3 – Quadro resultante da análise individual dos programas pelos alunos, discutida no grupo

duzido de rotinas já instituídas e a que se acrescenta um conjunto de actividades que vão variando de acordo com o plano negociado em cada segunda-feira. (fig. 4).

Esta organização das rotinas constituiu um importante salto qualitativo no nosso quotidiano porque permitiu clarificar as diferentes modalidades de trabalho utilizadas e a demarcação de tempos destinados a cada uma delas, o que se tornou estruturante para a organização individual e do grupo.

Assim, as actividades de treino e de estudo, fundamentais à consolidação dos conceitos e à superação das dificuldades, passaram a realizar-se no Tempo de Estudo Autónomo (TEA), que corresponde a uma hora por dia. É nestes momentos que o professor trabalha com alunos que apresentem dificuldades específicas, o que obriga a uma negociação na turma, durante a planificação diária e semanal.

Uma outra modalidade que conquistou um espaço próprio foi o trabalho em projectos. Trata-se de pequenas pesquisas que partem de interesses espontaneamente verbalizados pelos alunos, decorrem da avaliação e planificação

Plano da semana de: ___/___/___ a: ___/___/___

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<ul style="list-style-type: none"> Cumprir tarefas/ fazer a data Ler, contar e mostrar Plano da semana Plano do dia Mudar tarefas 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir tarefas/ fazer a data Ler, contar e mostrar Plano do dia Tempo de projectos: 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir tarefas/ fazer a data Ler, contar e mostrar Plano do dia Tempo de projectos: 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir tarefas/ fazer a data Ler, contar e mostrar Plano do dia 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir tarefas/ fazer a data Ler, contar e mostrar Plano do dia
Tempo de Estudo Autónomo:	Tempo de Estudo Autónomo:	Tempo de Estudo Autónomo:	Tempo de Estudo Autónomo:	Tempo de Estudo Autónomo:
ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
<ul style="list-style-type: none"> Balanço do dia 	<ul style="list-style-type: none"> Balanço do dia 	<ul style="list-style-type: none"> Balanço do dia 15H - Aula de Moral 	<ul style="list-style-type: none"> Educação Física Balanço do dia 	<ul style="list-style-type: none"> Reunião de Conselho: Avaliação do Plano Individual de Trabalho Leitura e discussão do Diário de Turma; Balanço do dia

Fig. 4 – Estrutura de horário semanal

Plano do dia

O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
• Cumprir tarefas, fazer a data	Todos	•
• Ler textos, contar e mostrar		•
• Tempo de estudo autónomo		•
- apoiar a Inês e o Sérgio	professora	•
- apoiar o Daniel	Ana Margarida	•
- apoiar o Pedro	Cláudia	•
• Trabalhar o texto da Ana Rita - enriquecer o texto	Todos	•
• Tempo de projectos		•
- trabalhar com o grupo do estudo dos gatos	professora	•
• Resolver o problema dos correspondentes	Todos, por grupos	•
• Falar de livros lidos	Jose João	•
	Nádia	•
• Ler uma história	professora	•
• Balanço do dia	Todos	•
Data: 30/9/98 Observações: Fizemos <input checked="" type="checkbox"/> Resolvemos o problema nos grupos Não fizemos <input checked="" type="checkbox"/> mas não tivemos tempo de o apre- Para continuar <input type="checkbox"/> sentar à turma.		

Fig. 5 - Plano diário

dos vários programas curriculares ou de desafios lançados pelos correspondentes. A sua realização, em pequeno grupo (não mais de três elementos), está contemplada na organização da semana e corresponde a uma hora por dia, dois dias por semana, permitindo assim a participação de todos os alunos nestas actividades.

É em Conselho que se operacionalizam os Planos Semanal e Diário. Negoceiam-se: os apoios do professor aos projectos e a alunos com dificuldades, as tomadas de decisão quanto às comunicações a apresentar, a determinação dos conteúdos a tratar e os tipos de trabalho a realizar durante os tempos colectivos.

A criação de condições para o desenvolvimento das aprendizagens num grupo naturalmente heterogéneo pressupõe a organização material da sala, de modo a colocar ao alcance dos alunos material diversificado correspondente às várias áreas curriculares e às diferen-

tes etapas de aprendizagem, possibilitando assim a diferenciação do trabalho.

A sala de aula está permanentemente equipada com materiais diversos, ficheiros, guiões, livros que respondam às necessidades de trabalho autónomo e estimulem as aprendizagens do grupo.

Os recursos existentes encontram-se expostos e organizados por áreas, de modo a permitirem uma utilização livre e estruturante (fig. 6).

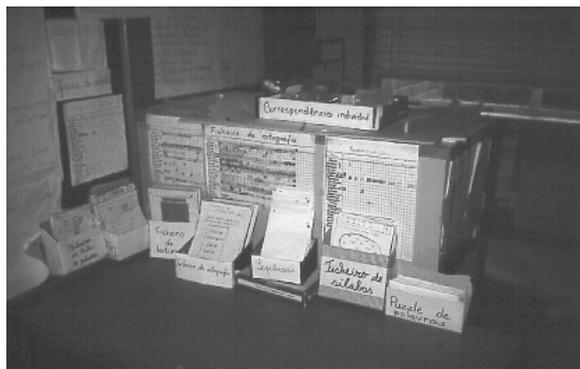


Fig. 6 - Um aspecto da organização material da sala - mesa dos Ficheiros da Língua

A gestão cooperada do espaço e dos materiais implica a consciencialização de que os recursos disponíveis têm de ser partilhados por todos os elementos do grupo, constituindo assim um importante factor de socialização. A corresponsabilização para a preservação dos recursos operacionaliza-se na divisão cooperada de tarefas, que semanalmente são assumidas pelos alunos e avaliadas no grupo (fig. 7).

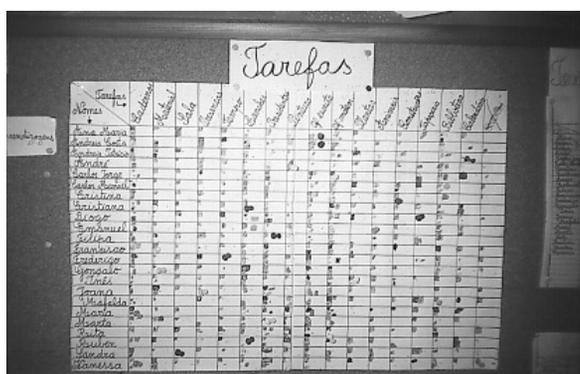


Fig 7 - Quadro das tarefas

A regulação cooperada das aprendizagens

A organização cooperada dos recursos da sala de aula facilita a autonomia dos alunos, mas, por si só, seria claramente insuficiente para regular os diferentes percursos de aprendizagem.

Se, por um lado, se torna impossível para um professor gerir as necessidades de todos os alunos no sentido de otimizar o seu tempo de escola, por outro essa pretensão retiraria a oportunidade de cada um se mobilizar intencionalmente para as aprendizagens. Essa função de regulação é facilitada por um conjunto de instrumentos de registo de produção e de avaliação, dos quais se destaca o Plano Individual de Trabalho (PIT), pela importância que assume na condução intencional dos processos.

O Plano Individual de Trabalho

No Modelo do MEM, este instrumento sempre permitiu operacionalizar a diferenciação do trabalho que defendemos, ou seja, a que permite a cada um trabalhar segundo as necessidades que progressivamente vai consciencializando na interacção com os outros, de modo a progredir no currículo. A clarificação das diferentes modalidades de trabalho bem como a definição de tempos para além das rotinas já instituídas no 1º Ciclo, materializadas no PIT, implicou uma mudança na visão estratégica deste instrumento. Possibilita a cada aluno a gestão efectiva do seu percurso e dá-lhe a dimensão da sua participação em toda a vida da turma ao longo da semana.

Constitui um registo do projecto individual de trabalho para a semana (fig.8), que decorre das motivações e das necessidades tornadas conscientes através das várias formas de avaliação já referidas, da avaliação semanal do PIT em Conselho e dos diversos instrumentos colectivos de pilotagem que integram o próprio sistema.

Plano Individual de Trabalho nº 26

Nome: Média Semana de 2/5/99 a 7/5/99

A minha tarefa: Lanche

O que penso fazer		O que fiz	
Escrita de textos			0
Trabalho de texto a meias			0
Fichas de Leitura			0
Fichas de Ortografia			0
Fichas de Matemática	2	<input checked="" type="checkbox"/>	1
Fichas de Contas	1	<input checked="" type="checkbox"/>	1
Fichas de Problemas	1	<input checked="" type="checkbox"/>	2
Ditado a pares			0
Leitura	2	<input checked="" type="checkbox"/>	2
Escrita no computador			0
Correspondência			0
TOTAL:		6	10

Projecto: <u>Rigua</u>	O que vou fazer: <u>Escrevi textos</u>	Balanço: <input checked="" type="checkbox"/>
O grupo: <u>Média, Ana M. e Ana R.</u>		

Comunicação à turma: _____
 Apresentação de trabalhos: _____
 Outros trabalhos: avaliação colectiva
 Trabalho com a professora: _____
 Apoio a outro colega: Jão

A minha avaliação do trabalho: <u>trabalhei bem</u>	Orientações e sugestões dos colegas e da professora:
---	--

Fig. 8 – Plano Individual de Trabalho

A primeira listagem corresponde às actividades que o aluno pode realizar durante o TEA. Na coluna que se lhe segue, marca-se o número de actividades que cada um projecta realizar. Nos quadrados seguintes, vai-se dando baixa do que vai sendo realizado e na coluna da direita registam-se as actividades que efectivamente se realizaram, permitindo assim ver facilmente o que se cumpriu, o que não se cumpriu e o que se fez a mais.

O rectângulo seguinte é destinado ao registo do projecto no qual cada um participa. Nele se inscreve o tema do projecto, o nome dos elementos do grupo, as actividades a realizar em cada sessão e o respectivo balanço.

Outras formas de participação são também assinaladas no PIT de modo a poderem ser avaliadas no final da semana, como sejam a ajuda a um colega, a apresentação de trabalhos ou a realização de outros que correspondem, muitas vezes, a necessidades surgidas no grupo e livremente assumidas pelos alunos. Por

exemplo, a escrita do relato de uma visita de estudo ou a redacção de uma carta a enviar em nome do grupo, podem ser elaboradas por dois alunos durante estes momentos e depois de lidos e, se necessário, melhorados pela turma, passam a ser escritos assumidos por todos.

A tarefa, que corresponde à responsabilidade que cada elemento assume na turma, para assegurar a manutenção da organização material da sala e o seu normal funcionamento, é também registada no PIT, assim como a sua avaliação.

A autoavaliação, registada em local próprio e lida no final da semana, assim como as sugestões do professor e dos colegas, vão regulando o ritmo de produção e ajudando a direccionar a planificação do trabalho da semana seguinte.

Outros instrumentos colectivos de produção e de avaliação

A produção do grupo pode ser regulada individual e colectivamente através da análise dos diferentes registos. É essa a função de um conjunto de instrumentos de pilotagem complementares do PIT. Trata-se de instrumentos de registo de produção expostos junto das diversas áreas de trabalho, ao alcance de todos, onde cada um vai assinalando as suas realizações. Referem-se como exemplos, entre muitos outros, os registos de ficheiros (fig.9), o registo da produção de textos (fig.10), o registo de leituras (fig. 11).

Estes instrumentos permitem, a qualquer momento, a análise do nível de produção de cada aluno e de toda a turma. Alguns deles (registos dos ficheiros) são avaliados pontualmente e outros (registo de produção de textos, registo de leituras) mensalmente. Pela visibilidade que dão das realizações de cada um, obrigam a um confronto permanente dos alunos com as suas produções o que determina uma continuada adequação ao processo de aprendizagem.

O instrumento que atravessa toda a vida do grupo, é o Diário de Turma (fig.12). A sua dis-

Ficheiro de Matemática - 1

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Ana Margarida														
Ana Rita														
André														
Bruno														
Cláudia														
Cláudio														
Daniel														
Diogo														
Flávio														
Emanuel														
Ivo														
João														
José Diogo														
José João														
Marco														
Maria Inês														
Nádia														
Pedro														
Ricardo														
Rui														
Sandro														
Sérgio														
Vanessa Alexandra														
Vanessa Maria														

Fig. 9 – Registos dos ficheiros

cussão em Conselho, permite gerir e regular conflitos, aferir processos, valorizar percursos, corrigir aspectos menos conseguidos, enfim, ir reinstituindo o dispositivo de organização por participação directa de todos os elementos envolvidos.

O Conselho de Cooperação Educativa

O Conselho de Cooperação Educativa, gerido com progressiva autonomia pelos alunos, para além de ser o momento onde se analisam e discutem os assuntos registados no Diário de Turma, é também onde se avalia o PIT, onde se explicitam critérios de avaliação e se vão clarificando as diferentes modalidades de trabalho.

Assim, ao fim de algum tempo, sentimos a necessidade de verbalizar e registar o que considerávamos ser «trabalhar bem no PIT», para que a avaliação fosse rigorosa e formadora e para que todos se apropriassem dos critérios

Textos livres de Janeiro

sozinho com ajuda	Textos do quotidiano	Histórias	Descrições Textos de Opinião	Cartas	Relatos
Ana Marg.					
Ana Rita					
André					
Bruno					
Cláudia					
Daniel					
Diogo					
Flávio					
Emanuel					
Ivo					
João					
José Diogo					
José João					
Marco					
Maria Inês					
Nádia					
Pedro					
Ricardo					
Rui					
Sandro					
Sérgio					
Tiago					
Vanessa A.					
Vanessa M.					

Fig. 10 - Registo da produção de textos

Registo de leituras - Maio

	Histórias	Poesias	B.D.	Revistas	Jornais	L. de consulta
Ana Margarida						
Ana Rita						
André						
Bruno						
Cláudia						
Cláudio						
Daniel						
Diogo						
Flávio						
Emanuel						
Ivo						
João						
José Diogo						
José João						
Marco						
Maria Inês						
Nádia						
Pedro						
Ricardo						
Rui						
Sandro						
Sérgio						
Vanessa A.						
Vanessa M.						

Fig. 11 - Registo de leituras

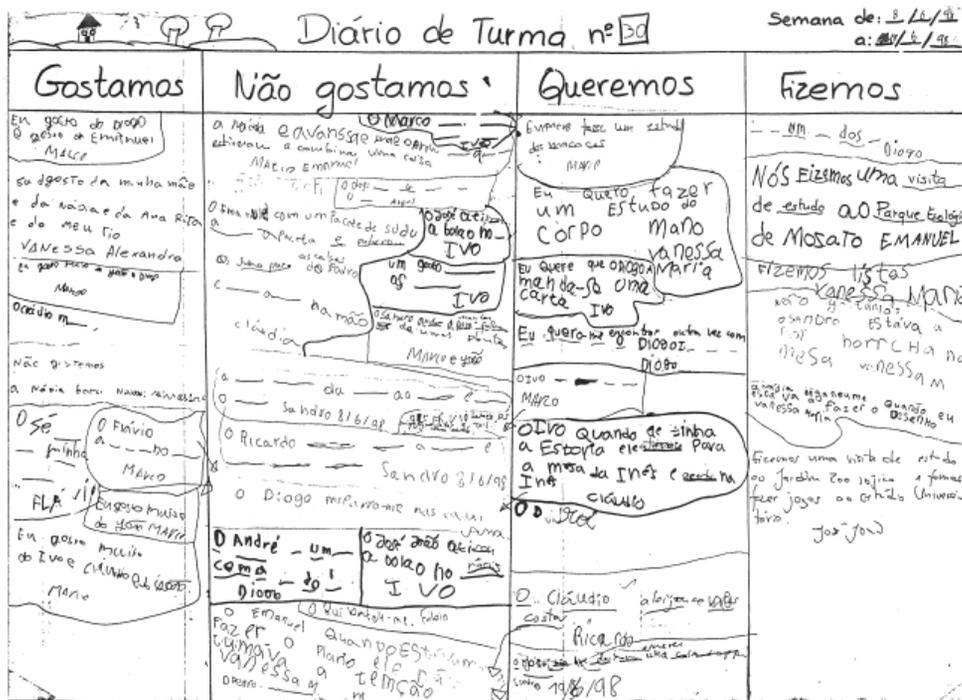


Fig. 12 – Diário de Turma

de avaliação e pudessem direccionar a intencionalidade do seu trabalho. Tivemos de explicitar o que estava implícito, para que não se instalassem equívocos e tudo fosse muito claro para todos.

Esta clarificação dos critérios de avaliação permitiu sistematizar a avaliação do PIT através de um registo de avaliação acordado pelo grupo (fig.13) e melhorou, inequivocamente, a qualidade do trabalho dos alunos.

Autoavaliação do P.I.T.

Critérios	Data							
Fiz coisas das que mais preciso	7/15/98							
Cumprí o Plano que marquei								
Fiz mais coisas do que as que marquei								
Nº de actividades realizadas durante o TEA	79							
Corrigi todos os trabalhos								
Organizei bem os cadernos e o Plano								
Trabalhei bem no Tempo de Projectos								
Avaliação final								

Fig. 13 – Critérios de avaliação do PIT operacionalizados num registo de autoavaliação

Do mesmo modo, a certa altura do processo, tornou-se necessário explicitar os critérios do que era «trabalhar bem nos projectos» (fig.14). A avaliação de cada estudo apresentado, a partir dos critérios definidos e afixados na sala, ajudou os alunos a ficarem mais atentos

Trabalhar bem nos projectos é:

- Escrever coisas acerca do que lemos e compreendemos e não só copiar textos.
- Aprender coisas novas para ensinar aos outros
- Fazer desenhos bem feitos
- Organizar bem as folhas, com títulos
- Registrar de onde retirámos a informação

Apresentar bem um estudo é:

- Ler bem (treinar a leitura) mas não ler só, explicar também.
- Explicar o que querem dizer as coisas
- Saber responder às perguntas dos colegas

Fig. 14 – Critérios de avaliação dos projectos

a determinados aspectos valorizados e tornou-os gradualmente mais rigorosos nos processos.

O Conselho constitui a principal instância de gestão cooperada da vida da turma pela participação directa de todos os elementos nas tomadas de decisão. É através deste processo continuado que os alunos vão integrando os critérios da escola, se vão apropriando dos seus instrumentos e, simultaneamente, vão aprendendo as regras da democracia pela vivência da cooperação. «A relação democrática de que falamos no MEM pressupõe a gestão cooperada, pelos alunos, com o professor, do currículo escolar. Tal parceria compreende o planeamento e a avaliação como operações formativas na apropriação do currículo e integram todo o processo de aprendizagem.» (Niza, 1998)

A avaliação cooperada da participação individual, materializada no PIT, objectivada pelo conjunto de instrumentos de pilotagem atrás descritos e utilizados de forma sistemática na sala de aula, permite a regulação dos percursos de aprendizagem, promovendo o crescimento social dos indivíduos.

Em jeito de balanço

Muito se tem discutido no seio do MEM acerca do PIT, sobretudo ao nível do 1º Ciclo, pelo que se torna pertinente esta partilha de experiências. Várias têm sido as posições defendidas relativamente ao seu papel na dinâmica das nossas turmas: uma vertente acentuadamente de treino, uma vertente de projectos, uma dimensão contratual... Daí decorre a diversidade de registos que temos ido construindo ao longo dos nossos 30 anos de prática do Modelo do MEM.

O Plano Individual de Trabalho enquanto instrumento de pilotagem é tudo aquilo que foi referido e é onde confluem as várias vertentes do dispositivo pedagógico tornando possível a gestão do trabalho por cada aluno e a regulação cooperada das aprendizagens ao longo dos diversos momentos da semana através da avaliação feita no grupo.

Bibliografia

NIZA, Sérgio (1998). «A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico». in *Inovação*, 11, 1998, pp. 77-98. Lisboa: IIE